PLATÃO

# O MITO DA CAVERNA

LiteraMundo

SÓCRATES

Em seguida compara o efeito da educação e da sua falta na nossa natureza a uma experiência como a seguinte: imagina seres humanos habitando uma espécie de caverna subterrânea, com uma longa entrada acima aberta para a luz e tão larga como a própria caverna. Estão ali desde a infância, fixados no mesmo lugar, com pescoços e pernas sob grilhões, unicamente capazes de ver à frente, visto que seus grilhões os impedem de virar suas cabeças. Imagina também a luz de uma fogueira acesa a certa distância, acima e atrás deles. Também atrás deles, porém num terreno mais elevado, há uma vereda que se estende entre eles e a fogueira. Imagina que foi construído ao longo dessa vereda um muro baixo, como o anteparo diante de manipuladores de marionetes acima do qual eles os exibem.

GLÁUCON

Eu o estou imaginando.

SÓCRATES

Então também imagina que há pessoas ao longo do muro, carregando todo tipo de artefatos que são erguidos acima do nível do muro: estátuas de seres humanos e de outros animais, feitas de pedra, madeira e todo material. E, como seria de esperar, alguns desses carregadores conversam, ao passo que outros estão calados.

GLÁUCON

Descreves uma imagem estranha e prisioneiros estranhos.

SÓCRATES

São como nós. Supões, em primeiro lugar, que esses prisioneiros veem alguma coisa de si mesmos e uns dos outros além das sombras que a fogueira projeta sobre o muro à frente deles?

GLÁUCON

E como poderiam, se têm de manter suas cabeças imóveis por toda a vida?

SÓCRATES

E quanto às coisas que são carregadas ao longo do muro? O mesmo se aplica à elas?

GLÁUCON

Claro.

SÓCRATES

E se eles pudessem falar entre si, não achas que suporiam que ao nomear as coisas que vissem estariam nomeando as coisas que passam diante de seus olhos?

GLÁUCON

É o que suporiam.

SÓCRATES

E se sua prisão produzisse um eco que viesse do muro que se opõe a eles? Não achas que acreditariam que as sombras que passam diante deles estivessem falando toda vez que um dos carregadores que caminhasse ao longo do muro o estivesse fazendo?

GLÁUCON

Certamente acho.

SÓCRATES

Por conseguinte, os prisioneiros acreditariam cabalmente que a verdade não seria nada mais senão as sombras desses artefatos.

GLÁUCON

Isso necessariamente.

SÓCRATES

Considera, então, de que caráter seria a libertação dessas correntes e a cura dessa ignorância se algo assim acontecesse: quando um deles fosse libertado e subitamente obrigado a se levantar, virar a cabeça, caminhar e

– erguendo o olhar – fitar a luz, experimentaria dor devido à ofuscação da vista e ficaria incapacitado para ver as coisas cujas sombras vira antes. O que achas que ele diria se nós lhe disséssemos que o que vira antes era tudo uma ilusão, mas que agora, estando ele mais próximo da realidade e voltado para coisas mais reais, ele vê mais verdadeiramente? Ou, formulando-o de outra maneira, se apontássemos para cada uma das coisas que passam diante de seus olhos e lhe perguntássemos o que é cada uma delas e o constrangêssemos a responder, não achas que ele ficaria confuso e que acreditaria que os objetos que havia visto antes eram mais reais do que os que agora lhe eram mostrados?

GLÁUCON

Muitíssimo mais reais.

SÓCRATES

E se alguém o forçasse a fitar a própria luz, seus olhos não doeriam e não daria ele as costas, fugindo na direção das coisas que é capaz de ver, convicto de que são positivamente mais nítidas e exatas do as que lhe estão sendo mostradas?

GLÁUCON

É o que ele faria.

SÓCRATES

E se alguém o arrastasse dali à força para cima através do caminho acidentado e abrupto, e não o deixasse escapar até que o tivesse arrastado até a luz do sol, não se sentiria ele atormentado e irado por ser tratado desse modo? E quando mergulhado na luz, seus olhos invadidos pelos raios do sol, não ficaria incapacitado para ver uma só daquelas coisas que agora se diz ser reais?

GLÁUCON

Bem, ao menos no princípio, ele estaria incapacitado de vê-las.

SÓCRATES

Suponho, então, que ele precisaria de tempo para adaptar-se até poder ver coisas no mundo superior. No começo veria sombras mais facilmente, depois imagens ou reflexos de homens e outras coisas na água, e posteriormente as próprias coisas, e, a partir disso, se capacitaria a investigar as coisas celestes e o próprio céu, mais facilmente à noite, fitando a luz das estrelas e a lua, do que de dia, fitando o sol e a luz deste.

GLÁUCON

Exatamente.

SÓCRATES

Finalmente, suponho, se capacitaria a ver o sol, não seus reflexos na água ou em algum outro ponto, mas o próprio sol em seu próprio posto, se tornando capaz de examiná-lo.

GLÁUCON

Necessariamente.

SÓCRATES

E a esse ponto ele deduziria e concluiria que o sol é a fonte das estações e dos anos, governa tudo no mundo visível e é, de alguma forma, a causa de todas as coisas que ele estava acostumado a ver.

GLÁUCON

É óbvio que este seria o seu próximo passo.

SÓCRATES

E o que aconteceria quando se lembrasse de sua primeira morada, de seus companheiros prisioneiros e daquilo que ali passava por sabedoria? Não achas que se consideraria feliz pela mudança e teria pena dos outros?

GLÁUCON

Certamente.

SÓCRATES

E se houvessem honras, louvores ou prêmios entre eles para aquele que se revelasse o mais hábil na identificação das sombras à medida que se projetassem e quem melhor se lembrasse quais geralmente se antecipavam, quais se apresentavam mais tarde e quais simultaneamente e quem pudesse, assim, melhor prever o futuro, achas que nosso homem desejaria essas recompensas ou invejaria aqueles entre os prisioneiros que fossem objeto das honras e que fossem transformados em senhores? Ou será que, ao contrário, não partilharia do sentimento de Homero, preferindo "trabalhar o solo como servo de um outro homem, alguém sem posses", e padecer quaisquer sofrimentos do que partilhar das opiniões deles e viver como vivem?

GLÁUCON

Suponho que se submeteria a sofrer qualquer coisa a viver desse modo.

SÓCRATES

Pois considera também isto: se esse homem descesse ao interior da caverna novamente e reassumisse seu antigo posto, seus olhos – privados assim repentinamente da luz do sol – não ficariam repletos de escuridão?

GLÁUCON

Com certeza ficariam.

SÓCRATES

E antes que seus olhos se recuperassem – e a adaptação não seria rápida –, enquanto sua visão estivesse ainda turva, se tivesse ele de competir de novo com os perpétuos prisioneiros no reconhecimento das sombras, não atrairia o ridículo sobre si? Não se comentaria acerca de sua pessoa que retornara de sua viagem à região superior com sua visão arruinada e que não vale a pena sequer fazer a tentativa da viagem à região mais elevada? E no caso de alguém libertar prisioneiros e conduzi-los acima, se fosse apanhado eles não o matariam?

GLÁUCON

Certamente o matariam.

SÓCRATES

Toda essa imagem, Gláucon, deve ser aplicada ao que dissemos anteriormente. A região visível deveria ser comparada à morada, que é a prisão e a luz da fogueira nela ao poder do sol. E se interpretares a subida e o exame das coisas acima como a ascensão da alma à região inteligível, terás captado o que espero transmitir, uma vez que isso é o que querias ouvir. Se isso é verdadeiro ou não, só o deus o sabe. De qualquer modo, eu o vejo assim: no domínio do reconhecível, a Ideia do bem é a última coisa a ser vista, sendo atingida somente com dificuldade; entretanto, uma vez que alguém a tenha contemplado, será necessário concluir que é a causa de tudo o que é correto e belo em quaisquer coisas, que produz tanto a luz quanto sua fonte na região visível e que na região inteligível comanda e gera verdade e entendimento, de sorte que todos que se predispõem a agir com sensatez privada ou publicamente têm dela percepção

GLÁUCON

Ocorreu-me o mesmo pensamento, ao menos no que sou capaz.

SÓCRATES

Vem então juntar-te a mim neste pensamento: não é de surpreender que os que atingem esse ponto não estão predispostos a se ocuparem de assuntos humanos, e suas almas experimentam sempre a rapidez da ascensão e o intenso desejo da permanência acima; pois, afinal, isso é indubitavelmente o que esperaríamos, se é que efetivamente as coisas se enquadram na imagem por mim descrita.

GLÁUCON

É.

SÓCRATES

E quanto ao que sucede quando alguém se volta da especulação divina para as misérias da vida humana? Achas que é surpreendente que, estando ainda sua visão turva e não tendo ele ainda se acostumado com a escuridão ao seu redor, se comporte desajeitadamente e pareça totalmente ridículo se for constrangido, seja nos tribunais, seja em outra parte, a polemizar sobre as sombras da justiça ou sobre as estátuas que projetam

as sombras e a disputar sobre as maneiras pelas quais essas coisas são compreendidas por pessoas que jamais contemplaram a justiça mesma?

GLÁUCON

Nada há de surpreendente nisso.

SÓCRATES

De fato não há. Mas toda pessoa detentora de algum senso se lembraria de que os olhos podem se confundir de dois modos e devido a duas causas, nomeadamente: quando saem da luz para ingressar na escuridão e quando emergem da escuridão para ingressar na luz. Compreendendo que o mesmo se aplica à alma, quando alguém nota uma alma perturbada e incapaz de ver alguma coisa, não desatará a rir insensatamente, mas investigará se ela saiu de uma vida mais resplandecente e se encontra fragilizada por não ter ainda se habituado à escuridão, ou se saiu de uma maior ignorância para uma luz maior e está ofuscada pelo aumento do brilho. E então ele declarará a primeira alma como feliz em sua experiência e vida e lamentará a segunda; mas mesmo que ele se disponha a se divertir à custa dela, ao menos se revelaria menos ridículo do que se ridicularizasse uma alma que veio da luz superior.

GLÁUCON

O que dizes é bastante razoável.

SÓCRATES

Se isso for verdadeiro, eis então o que devemos pensar sobre tais matérias: a educação não é o que alguns indivíduos proclamam ser ela, a saber, inserir conhecimento em almas que dele carecem, como inserir visão em olhos cegos.

GLÁUCON

Eles realmente o proclamam.

SÓCRATES

Mas nossa atual discussão, por outro lado, demonstra que o poder do aprendizado está presente na alma de todos e que o instrumento do

aprendizado de cada um é como um olho que não é capaz de ser girado da escuridão para a luz sem que se gire o corpo inteiro. Esse instrumento não pode ser girado a partir do que está vindo ao ser (do que está sendo gerado) sem efetuar uma conversão da alma inteira até que essa se capacite a investigar o ser e o mais resplandecente entre os seres particulares, a saber, aquele que chamamos de o bem. Não é mesmo?

GLÁUCON

Sim.

SÓCRATES

A conclusão é que a educação é a arte que diz respeito exatamente a isso, a essa conversão, e a como pode a alma mais fácil e eficientemente ser levada a realizá-la. Não é a arte de introduzir visão na alma. A educação tem como certo que a visão já está presente na alma, mas essa não a dirige corretamente e não arroja o seu olhar para onde deveria; trata-se da arte da redirigir a visão adequadamente.

GLÁUCON

É o que se afigura.

SÓCRATES

Ora, parece que as outras assim denominadas virtudes da alma têm afinidade com as do corpo, pois realmente não são preexistentes, mas sim adicionadas posteriormente por meio do hábito e da prática. Porém, a inteligência ou sabedoria parece pertencer, acima de todas, a uma qualidade mais divina, que nunca perde seu poder, mas que é ou útil e benéfica ou inútil e danosa, dependendo do rumo de sua conversão. Ou nunca ouviste falar das pessoas tidas como más ainda que inteligentes, sobre quão aguda é a visão de suas pequenas almas e quão nitidamente essa distingue as coisas para as quais se voltou? Isso mostra que sua visão não é inferior, mas sim compelida a servir maus propósitos, de modo que quanto mais aguda sua visão, mais mal realiza.

GLÁUCON

Certamente.

SÓCRATES

Entretanto, se uma natureza desse tipo houvesse sido forjada, trabalhada continuamente desde a infância e libertada dos grilhões da afinidade com [a geração e] o devir, que a ela foram vinculados pela voracidade, a avidez e os demais prazeres similares e que, como pesos de chumbo, levam sua visão para baixo – se, sendo libertada de tudo isso, sofresse uma conversão para que contemplasse as coisas verdadeiras e reais –, então afirmo que a mesma alma da mesma pessoa veria essas coisas com o máximo de nitidez, tal como acontece com as coisas para as quais está agora voltada.

GLÁUCON

É provável que seja assim.

SÓCRATES

E quanto aos não educados que não têm conhecimento da verdade? Não é provável, ou melhor, não se conclui necessariamente do que dissemos antes que jamais governarão adequadamente um Estado? Mas, tampouco, o farão aqueles aos quais foi permitido passar suas vidas inteiras sendo educados. Os primeiros falhariam porque não possuem uma meta única necessariamente visada por todas suas ações privadas e públicas; os segundos falhariam porque se recusariam a agir, no pensamento de que se haviam instalado enquanto ainda vivos nas longínquas Ilhas dos Abençoados.

GLÁUCON

É verdade.

SÓCRATES

Como fundadores, é nossa tarefa, portanto, compelir as melhores naturezas a alcançar o conhecimento que, conforme afirmamos antes, é o mais importante, a saber, empreender a ascensão e ter a visão do bem. Mas quando tiverem alcançado as alturas e o visto suficientemente, não deveremos permitir-lhes o que lhes é hoje permitido fazer.

GLÁUCON

E o que é isso?

SÓCRATES

Que lá permaneçam e se recusem a descer novamente aos prisioneiros na caverna e compartilhar de seus labores e honras, sejam esses de menor ou maior valor.

GLÁUCON

Então deveríamos contra eles cometer uma injustiça fazendo-os viver uma vida pior quando poderiam viver uma melhor?

SÓCRATES

Estás esquecendo novamente que a lei não se preocupa em tornar classe alguma do Estado especialmente feliz, mas sim em conseguir difundir a felicidade por meio do Estado, conduzindo os cidadãos à harmonização mútua por meio da persuasão ou compulsão e fazendo-os compartilhar entre si os benefícios que cada classe é capaz de conferir à comunidade. A lei é a produtora desses indivíduos no Estado não com o propósito de permitir-lhes que se voltem para qualquer direção que queiram, mas para usá-los na unificação do Estado em termos de uma comunidade.

GLÁUCON

É verdade. Eu o esquecera.

SÓCRATES

Observa, assim, Gláucon, que não estaremos cometendo uma injustiça contra aqueles que se tornaram filósofos em nosso Estado e que aquilo que a eles diremos quando os constrangermos a guardar e zelar pelos outros será justo. Diremos: “Quando indivíduos como vós surgem em outros Estados, justificase não participarem dos labores de seus Estados, pois nesses eles crescem espontaneamente se opondo à vontade da Constituição. E quem cresce independentemente e por conta própria e nenhum débito assume por sua nutrição e formação tem a justiça ao seu lado quando não é cioso de pagar a alguém por essa nutrição e formação. Mas fizemos de vós reis em nosso Estado e, por assim dizer, condutores da colmeia, tanto para vós mesmos quanto para o resto dos integrantes do

Estado. Sois melhor e mais plenamente educados do que os outros e detendes melhor aptidão para partilhar de ambos os estilos de vida. Por conseguinte, cada um de vós, alternadamente, tem de se rebaixar para viver na morada comum dos outros e vos habituar a enxergar no escuro. E quando vos habituardes, vossa visão se revelará enormemente superior àquela dos indivíduos que aí vivem. E por que vistes a verdade sobre as coisas belas, justas e boas, sabereis o que cada imagem é e do que é ela uma semelhança. Assim, em vosso e nosso favor, o Estado será governado não como a maioria dos Estados atualmente [como num sonho], por pessoas que combatem sombras e lutam entre si para governar – como se isso fosse um grande bem –, mas por pessoas que estão despertas e não sonhando, uma vez que a verdade é certamente esta: um Estado no qual os governantes em perspectiva estão minimamente ansiosos para governar deverá ser necessariamente o mais livre de guerras civis, ao passo que um Estado com a espécie oposta de governantes será governado da maneira contrária".

GLÁUCON

Decididamente.

SÓCRATES

Pensas, nesse caso, que aqueles que nutrimos e educamos nos desobedecerão e se recusarão a partilhar dos labores do Estado, cada um por sua vez, embora habitando a maior parte de seu tempo entre si naquele mundo mais puro?

GLÁUCON

Impossível, já que estaremos dando ordens justas a indivíduos justos. Cada um deles certamente se prestará a governar como que diante de algo compulsório, porém com uma disposição exatamente oposta àquela dos atuais governantes dos Estados.

SÓCRATES

É assim que é. Se puderes descobrir uma forma de vida que para os governantes vindouros seja melhor do que governar [do que o próprio poder], teu Estado bem governado se tornará uma possibilidade, porque

nele somente os verdadeiramente ricos governarão – não aqueles que são ricos em ouro, mas aqueles que são abastados na riqueza necessária aos felizes, a saber, uma vida boa e sábia. Mas se mendigos famintos de bens pessoais ingressam na vida pública imbuídos do pensamento de que os bens ali se encontram para que sejam apanhados, então o Estado bem governado será impossível, pois o governar será objeto de contenção, e esta guerra civil e doméstica destrói essas pessoas e também o resto do Estado.

GLÁUCON

Sumamente verdadeiro.

SÓCRATES

Podes indicar qualquer outro gênero de vida que considera com desprezo os cargos políticos além daquele do verdadeiro filósofo?

GLÁUCON

Não, por Zeus! Não posso.

SÓCRATES

Mas certamente são os que não são amantes do governar que devem governar, pois, caso não o façam, os amantes do governar, que são rivais, por ele lutarão.

GLÁUCON

Com certeza assim é.

SÓCRATES

Então quem constrangerás a se tornar guardiões do Estado senão aqueles que possuem a melhor compreensão do que interessa ao bom governo e que se caracterizam por distinções que não são as políticas e por uma vida preferível à vida política?

GLÁUCON

A ninguém mais.8

SÓCRATES

Queres que examinemos agora como podem tais homens surgir em nosso Estado e como – tal como se diz que alguns ascenderam do Hades aos deuses– os conduziremos à luz?

GLÁUCON

É claro que quero.

SÓCRATES

Isso não é, pelo que parece, uma questão de lançar e fazer rodopiar uma concha como no jogo infantil, mas sim de converter uma alma de um dia, que é uma espécie de noite para um dia verdadeiro – aquela ascensão ao ser que afirmamos ser a autêntica filosofia.

GLÁUCON

Efetivamente.

SÓCRATES

Então não é forçoso que tentemos descobrir quais as formas de conhecimento que proporcionam o poder de realizar tal coisa?

GLÁUCON

É claro.

SÓCRATES

Por conseguinte, qual é a forma de conhecimento, Gláucon, que retira a alma do mundo da mutação para o mundo do ser? E me ocorre, enquanto falo, que dissemos – não é mesmo? – que é necessário aos futuros governantes, quando jovens, ser atletas na guerra.

GLÁUCON

Sim, nós o dissemos.

SÓCRATES

Então a forma de conhecimento que procuramos tem também de possuir essa característica a somar-se à primeira.

GLÁUCON

Qual?

SÓCRATES

Não deve ser inútil aos guerreiros.

GLÁUCON

Bem, não deve... se possível.

SÓCRATES

Ora, antes disso, nós os educamos por meio de música e poesia além de ginástica.

GLÁUCON

Educamos.

SÓCRATES

E a ginástica concerne ao que nasce e morre, uma vez que supervisiona o desenvolvimento e o declínio do corpo.

GLÁUCON

É o que se evidencia.

SÓCRATES

De forma que não poderia ser a forma de conhecimento que procuramos.

GLÁUCON

Não poderia.

SÓCRATES

Então poderia ser a música e a poesia que descrevemos antes?

GLÁUCON

Não, pois isso é a contraparte da ginástica. Educava os guardiões por meio de hábitos. Sua melodia transmitia-lhes uma certa harmonia, mas

não conhecimento; seus ritmos transmitiam-lhes uma certa qualidade rítmica; e suas histórias, fossem fictícias ou próximas da verdade, cultivavam outros hábitos aparentados a esses. Mas quanto à forma de conhecimento que agora buscas, dela nada há na música e na poesia.

SÓCRATES

Tua lembrança é sumamente exata. Nada há realmente dela na música e na poesia. Mas, Gláucon, qual seria essa forma de conhecimento? As artes e os ofícios parecem todos vis e mecânicos.

GLÁUCON

E como poderiam ser de outra forma? Mas além da música e poesia, da ginástica e das artes e ofícios, qual a forma de conhecimento que resta?

SÓCRATES

Bem, se não podemos descobrir alguma coisa além dessas, consideremos um dos estudos ou assuntos que toca a todas.

GLÁUCON

Que tipo de coisa?

SÓCRATES

Por exemplo, aquela coisa comum que toda arte ou ofício, toda forma de pensamento e toda ciência empregam e que se encontra entre os primeiros assuntos que todos estão obrigados a aprender.

GLÁUCON

O que é isso?

SÓCRATES

Aquele assunto trivial de distinguir o um, o dois e o três. Em suma, me refiro ao número e ao cálculo, pois não é verdade que toda arte e ciência têm que deles participar?

GLÁUCON

Decerto que têm.

SÓCRATES

E então também a arte bélica?

GLÁUCON

Necessariamente.

SÓCRATES

Nas tragédias, de um modo ou de outro, Palamedes está sempre mostrando Agamenon como um general totalmente ridículo. Não o notaste? Ele diz que ao inventar os números estabeleceu quantas tropas existiam no exército troiano e contou os navios da frota troiana e tudo o mais – insinuando que não haviam sido contados antes e que Agamenon – se de fato não sabia contar – não sabia sequer quantos pés possuía. Em que tipo de general pensas que isso o transformou?

GLÁUCON

Num general estranhíssimo, se isso for verdadeiro.

SÓCRATES

Então estabeleceremos essa matéria como sendo obrigatória aos guerreiros, de sorte que sejam capazes de contar e calcular?

GLÁUCON

Mais obrigatório do que qualquer outra coisa, se esperamos que o general tudo conheça acerca de dispor suas tropas – ou que simplesmente seja um homem.

SÓCRATES

Então percebes o mesmo que eu sobre esse assunto?

GLÁUCON

O quê?

SÓCRATES

Parece provável que é uma dessas matérias, estudos ou formas de conhecimento que estamos buscando que conduz naturalmente ao despertar do entendimento. Mas ninguém o utiliza corretamente, ou seja, como algo que é efetivamente adequado de todos os modos para nos atrair rumo ao ser e a ao real.

GLÁUCON

O que queres dizer?

SÓCRATES

Tentarei expor claramente minha opinião da seguinte maneira: distinguirei para mim mesmo as coisas que conduzem ou não conduzem na direção que mencionamos e terás de estudá-las comigo, concordando ou discordando, e dessa forma poderemos chegar a saber com maior clareza se as coisas são realmente como suponho.

GLÁUCON

Indica-as.

SÓCRATES

Eu indicarei então – se podes apreendê-lo – que algumas percepções sensoriais não incitam o entendimento a sondá-las, porque o julgamento da percepção sensorial é ele mesmo adequado, ao passo que outras o estimulam de todas as formas a sondá-las, porque a percepção sensorial parece não produzir nenhum resultado confiável.

GLÁUCON

Estás obviamente fazendo referência às coisas que aparecem a distância e a pinturas das quais entrevemos apenas os contornos.

SÓCRATES

Não estás, de modo algum, me entendendo.

GLÁUCON

O que queres dizer?

SÓCRATES

Aquelas que não incitam o entendimento são todas as que, ao mesmo tempo, não surgem numa percepção oposta. Mas aquelas que realmente produzem esse efeito qualifico de provocativas – sempre que a percepção sensorial não declara mais uma coisa do que o seu oposto, não importa se o objeto que atinge os sentidos está próximo ou distante. Entenderás melhor o que quero dizer se o formular nestes termos: estes, dizemos, são três dedos – polegar, indicador e médio.

GLÁUCON

Está certo.

SÓCRATES

Supõe que me refiro a eles os vendo próximos. Eis a minha questão a seu respeito.

GLÁUCON

Qual?

SÓCRATES

Cada um deles parece ser igualmente um dedo e não faz diferença alguma nesse sentido se é observado como intermediário ou num extremo ou outro, se é escuro ou pálido, grosso ou fino, ou se detém qualquer outra qualidade similar, pois em todos esses casos uma alma ordinária não é compelida a indagar ao entendimento o que é um dedo, uma vez que a visão não lhe sugere que um dedo é ao mesmo tempo o oposto de um dedo.

GLÁUCON

Não. Não sugere.

SÓCRATES

Portanto, não é provável que qualquer coisa desse gênero incitasse ou despertasse o entendimento.

GLÁUCON

Não. Não é.

SÓCRATES

Mas e quanto à grandeza e pequenez dos dedos? A visão as percebe adequadamente? Não fará diferença a ela se o dedo ocupa uma posição mediana ou está situado no extremo? E ocorrerá o mesmo com o sentido do tato relativamente ao grosso e ao fino, ao duro e ao mole? E os outros sentidos revelam tais coisas clara e adequadamente? Não fará, ao contrário, cada um deles o seguinte: o sentido cuja função é julgar sobre o duro é, em primeiro lugar, necessariamente também aquele cuja função é julgar sobre o mole e comunica à alma que a mesma coisa é percebida por ele como sendo tanto dura quanto mole?

GLÁUCON

É certo.

SÓCRATES

E não será forçoso que em tais casos a alma fique confusa quanto a que significação esse sentido atribui ao duro se indicar que a mesma coisa é

também mole, ou o que quer dizer por leve e pesado se indicar que o pesado é leve ou o leve, pesado?

GLÁUCON

Sim, sem dúvida. São informações extravagantes a serem recebidas pela alma e que exigem realmente exame.

SÓCRATES

Por conseguinte, é provável que nesses casos a alma, conclamando o cálculo e o entendimento, comece por tentar determinar se cada uma das coisas que lhe são comunicadas é una ou dupla.

GLÁUCON

Claro que sim.

SÓCRATES

E evidenciando-se ser dupla não serão suas partes distintas uma da outra?

GLÁUCON

Sim.

SÓCRATES

Então, se cada parte é distinta e una e ambas formam a duplicidade, o próprio significado do duplo (dois) é que a alma os entenderá como distintos, pois se assim não o fossem, não se cogitaria de dois, mas de um.

GLÁUCON

Está certo.

SÓCRATES

A visão, entretanto, via o grande e o pequeno não como distintos, mas como confundidos, combinados. Não é assim?

GLÁUCON

É.

SÓCRATES

E a fim de atingir a clareza sobre tudo isso, o entendimento foi compelido a ver o grande e o pequeno não confundidos, associados, mas sim separados – da maneira oposta da visão.

GLÁUCON

É verdade.

SÓCRATES

E não foi a partir desses casos que primeiramente nos ocorreu indagar o que é o grande e o que é o pequeno?

GLÁUCON

Certamente.

SÓCRATES

E em razão disso chamamos um de inteligível e o outro de visível.11

GLÁUCON

Está certo.

SÓCRATES

Isso, portanto, é o que eu estava tentando expressar antes quando disse que algumas coisas incitam o entendimento, enquanto outras, não. Chamo de provocativas as que atingem o sentido respectivo ao mesmo tempo que seus opostos; as que não o fazem não despertam o entendimento.

GLÁUCON

Agora compreendo e penso que estás certo.

SÓCRATES

Bem, a qual dessas classes pertencem o número e a unidade?

GLÁUCON

Não sei.

SÓCRATES

Ora, raciocina partindo do que foi dito antes. Se o uno é adequadamente visto ele mesmo por si mesmo ou é assim apreendido por algum outro sentido, então – como dizíamos no que se refere aos dedos – não atrairia a alma para o ser. Mas se algo oposto a ele é sempre visto ao mesmo tempo, de sorte que nada seja aparentemente mais uno do que o oposto do uno, então haveria a necessidade de algo que julgasse entre eles. A alma ficaria, nesse caso, confusa, buscaria uma resposta, despertaria seu entendimento e indagaria sobre a essência do próprio uno. E assim isso estaria entre as matérias que conduzem a alma e fazem a sua conversão para o estudo do [verdadeiro] ser.

GLÁUCON

Mas, certamente a percepção visual da unidade possui essa característica num grau notável, pois vemos a mesma coisa simultaneamente como una e como uma pluralidade ilimitada.

SÓCRATES

Então se isso é verdadeiro no que concerne ao um, não será também

verdadeiro no que tange a todos os números?

GLÁUCON

É claro que sim.

SÓCRATES

Ora, o cálculo e a aritmética concernem inteiramente aos números.

GLÁUCON

É certo.

SÓCRATES

Assim, é evidente que eles nos conduzem à apreensão da verdade.

GLÁUCON

Acima de qualquer outra coisa.

SÓCRATES

Então, pelo que parece, dizem respeito aos estudos e matérias que estamos buscando. São obrigatórios aos guerreiros devido à ordem de suas fileiras [no exército] e aos filósofos, porque estes precisam aprender ascender da [região da] geração [e mutação] e apreender o ser, se esperamos que algum dia se tornem racionais.

GLÁUCON

Está certo.

SÓCRATES

E o nosso guardião tem de ser ao mesmo tempo guerreiro e filósofo.

GLÁUCON

Certamente.

SÓCRATES

Assim sendo, Gláucon, seria apropriado estabelecer por força de lei esse ramo do conhecimento para aqueles que vão participar dos mais elevados

cargos do Estado e persuadi-los a se dedicarem ao estudo do cálculo e o abraçarem não como os leigos o fazem, mas o seguirem até atingir a contemplação das naturezas dos números por meio do próprio pensamento puro, não como mercadores e varejistas com o propósito de comprar e vender, mas visando à guerra e a facilitar a conversão da alma, do mundo da geração [e mutação] rumo à verdade e ao ser.

GLÁUCON

Formulaste-o bem.

SÓCRATES

Ademais, ocorre-me – agora que foi mencionado – quão sofisticada é a matéria do cálculo e de quantas maneiras é útil aos nossos objetivos, desde que o cálculo seja praticado a serviço do conhecimento e não daquele do comércio.

GLÁUCON

E como é útil?

SÓCRATES

Do próprio modo sobre o qual discursávamos. Conduz a alma forçosamente para o alto e a impele a discutir os números puros, jamais permitindo que alguém proponha que se discorra acerca de números vinculados a corpos visíveis e tangíveis. Sabes ao que se assemelham os versados nessas matérias: se no desenrolar do argumento alguém tenta dividir o próprio um, eles riem e não o permitem. Se o divides, eles o multiplicam, cuidando para que a unidade sempre surja não como unidade, mas como uma multiplicidade de partes.

GLÁUCON

Sumamente verdadeiro.

SÓCRATES

Então, o que pensas que sucederia, Gláucon, se alguém se prestasse a indagar-lhes: “Que números são esses aos quais vos referis, nos quais o Um é como supondes que o seja, cada unidade igual a todas as demais

sem a mais ligeira diferença e sem admitir qualquer divisão em partes internas?”.

GLÁUCON

Penso que responderiam que se referem àqueles números que só podem ser concebidos pelo pensamento, não sendo possível deles se ocupar de qualquer outro modo.

SÓCRATES

Vês então que é provável realmente que esse ramo do conhecimento seja indispensável para nós, uma vez que claramente compele a alma a empregar o pensamento puro visando à verdade mesma.

GLÁUCON

Com efeito, é o que ele realiza da maneira mais enfática.

SÓCRATES

E quanto aos que são naturalmente capazes de cálculo? Já notaste que são naturalmente ágeis, por assim dizer, virtualmente em todas as matérias, enquanto os que são lentos em cálculo, se forem nele educados e exercitados, mesmo que não obtenham nenhum outro proveito com isso, melhoram e se tornam mais ágeis do que eram?

GLÁUCON

É verdade.

SÓCRATES

Ademais, penso que não encontrarás facilmente assuntos cujo aprendizado e prática sejam mais difíceis do que esse.

GLÁUCON

Positivamente não.

SÓCRATES

Então, devido a todas essas razões, o estudo dessa matéria não deve ser negligenciado, e as melhores naturezas devem nela ser educados.

GLÁUCON

Concordo.

SÓCRATES

Que seja essa, portanto, uma de nossas matérias de estudo. Em segundo lugar, vejamos se a matéria seguinte também se enquadra em nossos propósitos.

GLÁUCON

Que matéria é essa? Terias em mente a Geometria?

SÓCRATES

Precisamente.

GLÁUCON

No que diz respeito à guerra, obviamente se enquadra, pois quando se trata de acampar, ocupar uma região, concentrar tropas, desdobrá-las ou relativamente a quaisquer outras formações adotadas por um exército em batalha ou em marcha, existe uma enorme diferença quanto ao oficial ser geômetra ou não.

SÓCRATES

Mas para coisas como essas basta um pouco de Geometria e Cálculo. O que é imperioso investigarmos é se a parte maior e mais avançada dela tende a facilitar a visão da Ideia do bem. E afirmamos que qualquer matéria de estudo possui essa tendência se induzir a alma a realizar sua conversão rumo à região onde habita o mais bem-aventurado dos seres, aquele que a alma tem de contemplar a todo custo.

GLÁUCON

Estás certo.

SÓCRATES

Concluímos que se a Geometria induz a alma a contemplar o ser, é adequada [aos nossos propósitos], mas se a induz a contemplar a geração e a mutação, é inadequada.

GLÁUCON

Ao menos foi o que dissemos.

SÓCRATES

Ora, ninguém que seja ao menos ligeiramente familiarizado com a Geometria contestará que essa ciência é inteiramente o oposto daquilo que sobre ela se diz nas exposições de seus adeptos.

GLÁUCON

O que queres dizer?

SÓCRATES

Fazem exposições ridículas a respeito dela, ainda que não possam evitá-lo na medida em que falam como homens práticos e todas as suas exposições se referem à ação, à realização de coisas. Falam de esquadrar, ajustar, adicionar e coisas semelhantes, enquanto de fato o objeto real de todo o estudo é o conhecimento [puro].

GLÁUCON

Certamente.

SÓCRATES

E deveremos nos pôr de acordo num ponto a mais?

GLÁUCON

E qual é ele?

SÓCRATES

Que se trata de um conhecimento daquilo que sempre é, e não daquilo que nasce e perece.

GLÁUCON

Isso é facilmente admissível, já que a Geometria é o conhecimento do que é ou existe sempre.

SÓCRATES

Assim, ela tenderá a atrair a alma para a verdade e produzirá um pensamento filosófico dirigindo para o alto as faculdades que agora erroneamente dirigimos para baixo.

GLÁUCON

Isso na medida do possível.

SÓCRATES

Então na medida do que seja possível a nós deveremos exigir que os homens de tua bela cidade12 de modo algum negligenciem a Geometria, pois até mesmo os seus subprodutos não são insignificantes.

GLÁUCON

E quais são eles?

SÓCRATES

Aqueles que mencionaste e que concernem à guerra. Mas também por certo sabemos que quando se trata de ter um melhor entendimento de qualquer assunto, há uma ilimitada diferença entre alguém que aprendeu e compreendeu a Geometria e alguém que não o fez.

GLÁUCON

Por Zeus! Assim é. Uma ilimitada diferença.

SÓCRATES

Então deveremos estabelecê-la como segunda matéria de estudo para os jovens?

GLÁUCON

Façamo-lo.

SÓCRATES

E quanto à Astronomia? Faremos dela a terceira matéria de estudo? Ou discordas?

GLÁUCON

Não tenho por que discordar, visto que uma melhor percepção das estações, meses e anos não é menos útil a um general do que a um agricultor e a um navegador.

SÓCRATES

Tu me divertes. És como alguém que teme que a maioria achará que ele está recomendando matérias de estudo inúteis. Não é tarefa fácil – na verdade é dificílima – compreender que em toda alma há um instrumento que é purificado e reacendido por tais matérias de estudo quando a alma foi conduzida à cegueira e ao aniquilamento por outros modos de vida, um instrumento cuja preservação é mais importante do que a de dez mil olhos, uma vez que é somente com ele que a verdade pode ser vista.

Os que partilham de tua crença julgarão que discursas superlativamente bem, ao passo que aqueles que jamais tiveram notícia dessa crença julgarão provavelmente que proferes uma tolice, visto que não percebem a presença de benefício algum digno de menção nessas matérias de estudo. Assim, deves decidir-te agora a qual grupo estás te dirigindo. Ou não são teus argumentos para nenhum deles e estás acima de tudo levando à frente esta discussão por ti mesmo, embora não manifestes relutância se alguém mais for capaz de extrair um benefício ou outro dela?

GLÁUCON

Enquadro-me nesse último caso. Desejo falar, indagar e responder principalmente para o meu próprio benefício.

SÓCRATES

Então recuemos para nossa posição anterior, pois estávamos errados há pouco acerca da matéria que vem depois da Geometria.

GLÁUCON

E qual foi nosso erro?

SÓCRATES

Após as superfícies planas, passamos à revolução de sólidos antes de os estudarmos em si mesmos. Mas a coisa certa a ser feita é tratar da terceira

dimensão logo depois da segunda. E a terceira, suponho, consiste em cubos e de tudo que possui profundidade.

GLÁUCON

Estás certo, Sócrates, mas essa matéria14 ainda não foi investigada.

SÓCRATES

Para o que há duas razões: primeiro esse difícil ramo do conhecimento é pouco investigado, porque nenhum Estado o valoriza; em segundo lugar, os pesquisadores necessitam de um orientador, sem o qual não descobrirão coisa alguma. Tal orientador ou diretor, para começar, é difícil de ser encontrado e, mesmo que o seja, os que usualmente investigam nesse campo se mostrariam demasiado arrogantes para se submeter à sua orientação.

Se, entretanto, um Estado inteiro o respaldasse na supervisão desse estudo, e fosse pioneiro na sua valorização, tal orientador seria seguido, e se essa forma de conhecimento fosse pesquisada com vigor, coerência [e continuidade], logo se desenvolveria. Mesmo agora, que não é valorizada e é desprezada pela maioria, sendo o objeto de estudo de investigadores incapazes de demonstrar sua utilidade, ainda assim, a despeito de todas essas deficiências, a força de seu encanto já fez que apresentasse algum desenvolvimento, de modo que não seria surpreendente que chegasse a ganhar um novo fôlego mesmo estando as coisas como estão.

GLÁUCON

Essa matéria [de fato] apresenta um encanto extraordinário, mas explica com maior clareza o que acabaste de afirmar. Chamas de Geometria a matéria de estudo que se ocupa das superfícies planas.

SÓCRATES

Sim.

GLÁUCON

E antes colocaste a Astronomia a seguir, mas depois voltaste atrás nisso.

SÓCRATES

Sim, na minha pressa de cobri-las todas, apenas progredi mais lentamente. A matéria que trata da dimensão da profundidade era a seguinte. Mas devido ao estado absurdo em que se encontra [devido à nossa negligência no seu estudo], eu a omiti e me referi à Astronomia, a qual se ocupa do movimento das coisas que têm profundidade, em seguida à Geometria.

GLÁUCON

Está certo.

SÓCRATES

Portanto, coloquemos a Astronomia como a quarta matéria de estudo, supondo que a Geometria dos sólidos estará disponível se o Estado a adotar.

GLÁUCON

Isso me parece razoável. E posto que me censuraste antes por louvar a Astronomia de uma maneira vulgar, eu a louvarei agora do teu modo, já que penso que é evidente para todos que a Astronomia induz a alma a contemplar o alto e a distância das coisas, daqui levando-a para coisas mais elevadas.

SÓCRATES

Pode parecer evidente a todos exceto a mim, pois não penso assim.

GLÁUCON

Assim sendo, qual é a tua opinião?

SÓCRATES

[Se julgarmos] por sua prática hoje pelos que ensinam Filosofia, [teremos de concluir que] leva a alma a contemplar o que está muitíssimo baixo.

GLÁUCON

O que queres dizer?

SÓCRATES

A meu ver, tua concepção de “estudos superiores” é demasiadamente liberal, pois se alguém se pusesse a estudar algo voltando a cabeça para trás e fitando as decorações do teto, parece-me que dirias que não Contempla com seus olhos, mas com sua razão. Talvez estejas certo e eu seja um tolo, mas não consigo conceber que qualquer matéria de estudo possa fazer a alma contemplar o alto, salvo aquela que concerne ao ser e este é invisível. Se qualquer um tentar aprender algo a respeito de coisas sensíveis, quer olhando de boca aberta para o alto, quer piscando para baixo, eu diria – uma vez que inexiste conhecimento genuíno sobre essas coisas – que jamais aprende coisa alguma e que, mesmo se estudar deitado de costas sobre o solo ou flutuar de costas sobre o mar, sua alma estará olhando não para o alto, mas para baixo.

GLÁUCON

Estás certo em censurar-me e fui punido justamente, mas o que quiseste dizer ao afirmar que a Astronomia deve ser aprendida de uma maneira diversa daquela em que é aprendida atualmente, se desejarmos que se revele uma matéria de estudo útil aos nossos propósitos?

SÓCRATES

É o seguinte: mostra-se compreensível e até recomendável considerarmos os adornos do céu como o que há de mais belo e mais exato das coisas visíveis, vendo que se encontram como que bordados sobre uma superfície visível. Mas deveríamos [também] considerar seus movimentos sumamente inferiores aos verdadeiros – movimentos que são realmente rápidos ou lentos medidos em números verdadeiros, que traçam autênticas figuras geométricas, que estão todos em relação recíproca e que são os movimentos verdadeiros das coisas que veiculam e contêm. E esses, é claro, têm de ser apreendidos pela razão e pelo pensamento, e não pela visão [sensorial]. Ou pensas diferentemente?

GLÁUCON

De modo algum.

SÓCRATES

Assim sendo, deveríamos utilizar o bordado do céu como um modelo no estudo dessas outras coisas. Se alguém experiente na Geometria topasse por acaso com projetos cuidadosamente traçados e elaborados por Dédalo, ou algum outro artífice ou artista, ele os consideraria primorosamente executados, mas julgaria ridículo examiná-los seriamente com o fito de descobrir neles a verdade sobre o igual, o duplo ou quaisquer outras relações.

GLÁUCON

E como poderia ser outra coisa senão ridículo?

SÓCRATES

Então não pensas que um autêntico astrônomo sentirá o mesmo ao contemplar os movimentos dos astros? Acreditará que o artesão dos céus os ordenou e tudo que neles está contido da melhor maneira possível para tais coisas. Mas quanto às proporções entre noite e dia, entre os dias e um mês, entre um mês e um ano ou dos movimentos dos astros com qualquer um desses e entre si, não achas que ele consideraria estranho crer que tais coisas se mantêm sempre imutáveis ou sem o menor desvio, dispensando qualquer tentativa ou esforço de qualquer espécie no sentido de apreender a verdade a respeito delas, uma vez que são corpos e objetos visíveis?

GLÁUCON

É, ao menos, o que penso, agora que ouço tal opinião de ti.

SÓCRATES

Então se pela efetiva participação na Astronomia tornamos útil o elemento naturalmente inteligente da alma, ao invés de inútil, estudemos a Astronomia por meio de problemas, como fazemos na Geometria, e deixemos em paz as coisas no céu.

GLÁUCON

A tarefa que prescreves é muito mais árdua do que qualquer outra atualmente empreendida na Astronomia.

SÓCRATES

E suponho que, uma vez pretendamos ser de alguma valia como legisladores, nossas prescrições relativas às outras matérias serão do mesmo calibre. Mas tens qualquer outra matéria de estudo apropriada a sugerir?

GLÁUCON

Nada de imediato.

SÓCRATES

Bem, não há apenas uma forma de movimento, porém várias. Talvez uma pessoa sábia pudesse enumerá-las todas, mas há duas que são evidentes mesmo para nós.

GLÁUCON

Quais são elas?

SÓCRATES

Além daquele sobre o qual discorremos,21 há também sua contraparte.

GLÁUCON

O que é?

SÓCRATES

É provável que tal como os olhos são estruturados para os movimentos astronômicos, os ouvidos o são para os movimentos da harmonia e que as ciências da Astronomia e da Harmonia são estreitamente afins. Isso é o que afirmam os pitagóricos, Gláucon, com o que concordamos, não é mesmo?

GLÁUCON

Concordamos.

SÓCRATES

Por conseguinte, visto ser a matéria tão vasta, não deveríamos indagar-lhes o que têm a dizer sobre os movimentos harmônicos e se existe algo mais além deles, ao mesmo tempo mantendo a nossa meta

rigorosamente em vista?

GLÁUCON

A que te referes?

SÓCRATES

Ao fato de que aqueles que estamos criando jamais deveriam tentar aprender algo incompleto, algo que não atinja o fim que tudo deveria atingir – o fim que mencionamos há pouco no caso da Astronomia. Ou não sabes que as pessoas fazem algo similar na Harmonia? Ao medir contrastivamente acordes e sons audíveis se esforçam em vão exatamente como os atuais astrônomos.

GLÁUCON

Pelos deuses, de fato assim é, no que também há muito de ridículo. Falam de algo a que dão o nome de mínimas ou notas condensadas, aproximando seus ouvidos dos instrumentos como alguém que tentasse ouvir o que dizem os vizinhos [na casa ao lado]. E alguns afirmam que ouvem uma nota intermediária e que essa é o intervalo mínimo que serve de unidade de medida, ao passo que outros afirmam que as cordas dos instrumentos produzem agora sons idênticos. Tanto uns quanto outros preferem seus ouvidos ao intelecto.

SÓCRATES

Tu te referes a esses magníficos indivíduos que submetem suas cordas a um tormento e as estiram até cavilhas.

Não me estenderei na analogia me referindo a golpes com o plectro ou às acusações ou às negações e vanglórias das cordas [relutantes]; ao contrário, deixarei a figura de lado e serei breve, dizendo que essas não são as pessoas às quais aludo. Aquelas às quais me refiro são as que acabamos de dizer que íamos interrogar a respeito de Harmonia, porque fazem o mesmo que os astrônomos. Buscam os números a serem descobertos nesses acordes audíveis, mas não formulam problemas. Não investigam, por exemplo, quais números são harmoniosos e quais não são e o porquê de cada caso.

GLÁUCON

Mas isso seria uma tarefa sobre-humana.

SÓCRATES

Ainda que útil na investigação do belo e do bom; empreendida com outro propósito, é inútil.

GLÁUCON

É provável.

SÓCRATES

Ademais, entendo que se a investigação de todas as matérias mencionadas por nós fizer vir à tona a associação e relação entre elas e permitir que se tire conclusões acerca de sua afinidade, efetivamente contribuirá com algo para o atingimento de nossa meta e não constituirá um trabalho em vão; caso contrário, será vã.

GLÁUCON

Eu também suponho ser isso verdadeiro, mas ainda assim contínuas aludindo a uma tarefa descomunal, Sócrates.

SÓCRATES

Tua referência é ao prelúdio ou ao quê? Ou ignoras que todas essas matérias de estudo não passam de prelúdios à própria canção, que também precisa ser aprendida? Decerto não pensas que pessoas especialistas nessas matérias são outros tantos dialéticos.

GLÁUCON

Não, por Zeus... ainda que tenha encontrado algumas exceções.

SÓCRATES

Mas sempre te pareceu que aqueles incapazes de apresentar ou acompanhar uma exposição [de opiniões] sabem algo que seja das coisas que afirmamos têm eles de saber?

GLÁUCON

Minha resposta a isso é também não.

SÓCRATES

Então não é essa, afinal, Gláucon, a canção entoada pela dialética? É inteligível, porém imitada pela faculdade da visão. Dissemos que a visão se empenha afinal em contemplar os próprios seres vivos, os próprios astros e, finalmente, o próprio sol. Do mesmo modo, toda vez que alguém tenta por meio do discurso racional e independentemente de todas as percepções sensoriais ter acesso ao próprio ser de cada coisa, e não desiste enquanto não apreende o próprio bem por meio do entendimento ele mesmo, alcançará o limite do inteligível, tal como o outro atingiu o fim do visível.

GLÁUCON

Com toda a certeza.

SÓCRATES

E quanto a essa trajetória do pensamento, não a chamarias de dialética?

GLÁUCON

Chamaria.

SÓCRATES

Então, a libertação dos grilhões e a meia-volta das sombras para as estátuas e a luz da fogueira e, a seguir, a subida para fora da caverna para a luz do sol e, ali, a contínua incapacidade de contemplar os animais, as plantas e a luz do sol, mas também a recém-adquirida capacidade de contemplar imagens divinas na água e sombras das coisas que são em lugar de, como antes, meramente as sombras de estátuas arrojadas por uma outra fonte de luz que é ela mesma uma sombra em relação ao sol – todo esse procedimento a respeito das artes e ciências que mencionamos tem o poder de despertar o melhor elemento da alma e fazê-lo ascender à contemplação do que é o melhor entre as coisas que são, tal como antes o órgão mais claro do corpo foi conduzido à contemplação daquilo que é o mais resplandecente na região corpórea e visível.

GLÁUCON

Admitirei que assim é, embora pareça, por um lado, muito difícil admiti-lo e, por outro, difícil não o aceitar. De qualquer maneira, uma vez que teremos de retornar a essas coisas com frequência no futuro e não apenas ouvir a seu respeito nesta ocasião, vamos supor aquilo que disseste e assim nos voltarmos para a própria canção, discutindo-a da mesma forma que o fizemos com o prelúdio. Portanto diz-nos: qual é a natureza do poder da dialética, em quais formas é essa dividida e quais caminhos são seguidos por ela? Pois esses conduzem, finalmente – é o que parece – àquele lugar onde poderemos, por assim dizer, repousar na estrada e então chegar ao fim de nossa viagem.

SÓCRATES

Não serás capaz de seguir-me mais, Gláucon, ainda que não me falte entusiasmo para conduzir-te, pois não estarias mais contemplando uma imagem do que estamos descrevendo, mas a própria verdade. De um modo ou outro, é como me parece. Não é cabível que se continue insistindo que assim realmente é, porém, que há alguma coisa desse tipo a ser contemplada– isto é, algo em que devemos insistir. Não é mesmo?

GLÁUCON

Claro que sim.

SÓCRATES

E não temos também de insistir que o poder da dialética só poderia revelá-la a alguém experiente nas matérias que descrevemos e que não poderia revelá-la de qualquer outro modo?

GLÁUCON

Isso também merece nossa insistência.

SÓCRATES

De qualquer modo, ninguém nos contestará ao afirmarmos que não há outra investigação na qual se tente sistematicamente apreender – relativamente a cada coisa em si mesma – qual é o seu ser, pois todas as demais artes dizem respeito às opiniões e aos desejos humanos, à geração e ao crescimento, e à combinação ou ao cuidado das coisas que crescem

ou são combinadas. E quanto ao resto – refiro-me à Geometria e às matérias de estudo que a sucedem, as descrevemos como numa certa medida apreendendo aquilo que é, uma vez que vimos que ao efetivamente sonharem com aquilo que é são incapazes de uma visão desperta daquilo que é enquanto fazem uso de hipóteses deixadas por elas intactas e das quais não podem dar nenhuma conta. Onde o ponto de partida é algo que aquele que raciocina desconhece e onde a conclusão e tudo que a entremeia constituem uma trama de coisas realmente não conhecidas, que possibilidade existe do assentimento em tais casos poder algum dia ser convertido em conhecimento verdadeiro?

GLÁUCON

Nenhuma.

SÓCRATES

Por conseguinte, a dialética é o único processo investigatório que percorre essa estrada, suprimindo hipóteses e procedendo ao próprio primeiro princípio, de sorte a oferecer segurança [e confirmação]. E quando o olho da alma está realmente enterrado numa espécie de pântano bárbaro, a dialética o desenterra e faz ascender o seu olhar, empregando as matérias de estudo que descrevemos para que auxiliem e cooperem com ele na conversão da alma. Por força de hábito, chamamos essas matérias de ciências ou formas de conhecimento, porém necessitam de outra designação, mais clara do que a opinião e mais obscura do que o conhecimento. Nós anteriormente as chamamos em outros lugares de intelecção. Mas presumo que não iremos polemizar em torno de um nome quando temos tantas matérias mais importantes para investigar.

GLÁUCON

Decerto que não.

SÓCRATES

Será, portanto, suficiente chamar a primeira seção de conhecimento ou

ciência, a segunda de intelecção, a terceira de crença e a quarta de imaginação ou conjetura, como fizemos antes. Chamamos a associação das duas últimas [crença e imaginação] de opinião, e a associação das

duas primeiras [conhecimento e intelecção] de intelecto. A opinião concerne à geração e mutação; o intelecto concerne ao ser. E tal como o ser está para a geração e mutação, está o intelecto para a opinião, e tal como o intelecto está para a opinião, está o conhecimento ou ciência para a crença e a intelecção para a imaginação ou conjetura. Mas quanto à relação entre seus correlatos objetivos e a divisão em duas partes de cada um destes, ou seja, o opinável e o inteligível, deixemo-la de lado, Gláucon, uma vez que nos envolveria em discussões muito mais longas do que aquelas às quais já nos dedicamos.

GLÁUCON

Concordo contigo acerca do resto na medida em que puder acompanhar-te.

SÓCRATES

Então, chamas de dialético alguém que é capaz de produzir um discurso racional sobre o ser de cada coisa? Porém, na medida em que seja incapaz de fazê-lo, seja para si mesmo, seja para outrem, negas que detenha ele qualquer conhecimento de cada coisa?

GLÁUCON

E como poderia agir de outra maneira?

SÓCRATES

Então o mesmo se aplica ao bem. Diante de alguém que seja capaz de distinguir num discurso racional a Ideia do bem de tudo o mais, que possa sobreviver a toda refutação, como se fosse numa batalha, empenhando-se em julgar as coisas não de acordo com a opinião, mas em conformidade com o ser e sair de tudo isso com seu discurso ainda incólume, dirás que o homem ao qual falta essa capacidade não conhece o bem em si mesmo ou qualquer outro bem em particular. E se esse homem captar alguma imagem dele, dirás que é mediante a opinião e não o conhecimento, pois ele está sonhando e adormecido durante sua vida presente, e antes de aqui despertar chegará ao Hades e adormecerá para sempre.

GLÁUCON

Por Zeus... eu certamente afirmarei tudo isso.

SÓCRATES

Por conseguinte, no que diz respeito a estes teus filhos que crias e educas em teoria, se chegares a criá-los de fato, não creio que a eles permitirás que governem em teu Estado ou sejam responsáveis pelas mais importantes coisas enquanto forem tão irracionais quanto linhas incomensuráveis.

GLÁUCON

Certamente não.

SÓCRATES

Então providenciarás pela força da lei para que deem máxima atenção à educação, que os capacitará a formular e a responder questões com sumo conhecimento?

GLÁUCON

Será assim que legislarei em associação contigo.

SÓCRATES

Achas então que colocamos a dialética acima das outras matérias de estudo como uma pedra de cobertura e que nenhum outro assunto pode acertadamente ser colocado em posição superior a ela, de modo que nossa exposição das matérias de estudo ou ramos do conhecimento que um futuro governante deverá aprender aqui findou?

GLÁUCON

[É o que acho] me apoiando no que é provável.

SÓCRATES

Então restou a ti tratar da distribuição dessas matérias, incluindo a questão de a quem destiná-las e como fazê-lo.

GLÁUCON

Por certo que é o próximo passo.

SÓCRATES

Lembras qual o tipo de homens que escolhemos em nossa prévia seleção dos governantes?

GLÁUCON

Decerto que sim.

SÓCRATES

Nos demais aspectos, as mesmas naturezas têm de ser eleitas. Temos de selecionar os mais estáveis, os mais corajosos e, na medida do possível, os mais graciosos. Complementarmente, é preciso que não nos restrinjamos a buscar pessoas que tenham um caráter nobre e viril, mas pessoas que possuam as qualidades naturais que se coadunam com o tipo de educação que sustentamos.

GLÁUCON

Quais exatamente?

SÓCRATES

Têm de ser perspicazes no trato das matérias e aprendê-las com facilidade, pois as almas humanas desistem muito mais facilmente diante do estudo árduo do que diante da ginástica, uma vez que o esforço penoso – sendo peculiar a elas e não partilhado com seus corpos – as toca mais intimamente.

GLÁUCON

Isso é verdadeiro.

SÓCRATES

Temos também de buscar alguém que seja detentor de boa memória, persistente e, em todos os aspectos, um amante do trabalho árduo. Caso contrário, como supões ser possível contar com sua boa vontade tanto na execução dos labores físicos necessários quanto na dedicação a tanto estudo e disciplina?

GLÁUCON

Ninguém se disporia a tudo isso a não ser que possuísse uma boa natureza em todos os aspectos.

SÓCRATES

De um modo ou outro, o erro atual, que – como antes asseveramos – explica por que a Filosofia não goza de estima, é que ela é abordada por indivíduos que dela são indignos. Não deveria ser permitido que bastardos empreendessem o seu estudo, mas somente estudantes legítimos.

GLÁUCON

Seja explícito.

SÓCRATES

Em primeiro lugar, nenhum estudante deveria ser hesitante no seu esforço, amando uma metade desse e odiando a outra. Isso acontece quando alguém é amante da ginástica, da caça ou de qualquer outra forma de esforço físico, mas não é aficionado ao aprender, ao ouvir ou ao investigar, detestando o trabalho nestes envolvidos. E alguém cujo amor ao esforço tende na direção oposta também é incerto.

GLÁUCON

É bastante verdadeiro.

SÓCRATES

Analogamente, de maneira relativa à verdade, não diremos que uma alma se acha mutilada se abominar uma falsidade voluntária, não puder suportar uma mentira no seio de si mesma e se mostrar grandemente irada quando essa falsidade existir em outras, mas – não obstante isso – aceitar alegremente uma falsidade involuntária, não se indignar ao ser surpreendida na ignorância e se dispor a admitir sua falta de conhecimento facilmente, chafurdando na lama da ignorância como um suíno?

GLÁUCON

Certamente.

SÓCRATES

E no que tange à moderação, coragem, magnificência e todas as demais partes da virtude, também é importante distinguir o bastardo do legítimo, pois quando um Estado ou um indivíduo não sabe como distingui-los, ele ignora [e indiscriminadamente] emprega o coxo e o bastardo na qualidade de amigos ou governantes em quaisquer serviços que deseja realizados.

GLÁUCON

É exatamente o que ocorre.

SÓCRATES

Consequentemente, é imperioso que sejamos cuidadosos em todos esses assuntos, pois se encaminharmos indivíduos de membros e intelecto sadios a uma matéria de estudo e treinamento de tal importância e neles os educarmos, não teremos por recear a reprovação da própria justiça, e preservaremos tanto o Estado quanto nossa forma de governo. Mas se encaminharmos indivíduos de diferente espécie, obteremos precisamente o resultado oposto e permitiremos que circule livremente uma torrente ainda maior de ridicularização sobre a Filosofia.

GLÁUCON

E seria vergonhoso sermos os agentes disso.

SÓCRATES

Certamente seria, mas parece que precisamente agora incorro num pouco de ridículo.

GLÁUCON

De que maneira?

SÓCRATES

Esqueci que estávamos apenas gracejando, e com isso discursei com excessiva veemência. Mas voltava meus olhos para a Filosofia à medida que falava e, a vendo imerecidamente ultrajada, parece que perdi o controle e disse o que tinha de dizer demasiado seriamente, como se estivesse irado com os responsáveis por isso.

GLÁUCON

Essa certamente não foi minha impressão ao ouvir-te.

SÓCRATES

Mas foi a minha enquanto discursava. De qualquer modo, não esqueçamos que em nossa prévia seleção elegemos indivíduos mais velhos, mas que isso não é permitido nesta seleção, pois não devemos crer em Sólon quando ele diz que à medida que alguém envelhece se torna capaz de aprender muito. É ainda menos capaz de fazê-lo do que participar de uma corrida. Todos os labores pesados e frequentes dizem respeito aos jovens.

GLÁUCON

[Assim é] necessariamente.

SÓCRATES

Portanto, Cálculo, Geometria e toda a educação preliminar exigida pela dialética precisa ser ministrada aos futuros governantes na infância desses, além do que não deve ser a eles imposto como instrução compulsória.

GLÁUCON

E por que isso?

SÓCRATES

Porque nenhum indivíduo livre deveria aprender isto ou aquilo como um escravo. O exercício corporal forçado não produz dano algum ao corpo, mas nada que seja ensinado compulsoriamente é retido pela alma.

GLÁUCON

É verdade.

SÓCRATES

Assim, não empregues força alguma ao educar as crianças nessas matérias, mas ensina-as por meio do jogo ou da brincadeira. Essa forma, inclusive, melhor revelará a ti as vocações naturais de cada uma delas.

GLÁUCON

Isso se afigura razoável.

SÓCRATES

Lembra-te de que afirmamos que as crianças deviam ser conduzidas à guerra montadas em cavalos como observadores e que, onde fosse seguro fazê-lo, deveriam ser levadas à frente de batalha e provar o sangue, como filhotes?

GLÁUCON

Eu me lembro.

SÓCRATES

Em todas essas coisas: labores, estudos e medos, aquelas que continuamente se destacam, revelando mais desenvoltura devem ser inscritas numa lista.

GLÁUCON

A que idade?

SÓCRATES

Quando forem liberadas da ginástica compulsória, uma vez que durante esse período, quer seja de dois ou de três anos, são incapazes de fazer qualquer outra coisa, já que a fadiga e o sono são inimigos do aprendizado. Ao mesmo tempo, o seu desempenho nos exercícios físicos constitui ele mesmo um importante prova.

GLÁUCON

Decerto que sim.

SÓCRATES

E depois disso, isto é, a partir dos vinte anos, as escolhidas também receberão mais honras do que as outras. Ademais, as matérias que aprenderam fora de qualquer ordem particular como crianças terão agora de congregar a fim de formar uma visão cumulativa e unificada da afinidade recíproca existente tanto entre elas quanto com a natureza

daquilo que é.

GLÁUCON

De uma forma ou outra, somente uma instrução desse tipo é retida naqueles que a recebem.

SÓCRATES

E é também a maior prova para quem é naturalmente dialético e quem não o é, pois todo aquele que é capaz de alcançar uma visão unificada é dialético, ao passo que todo aquele que não é capaz de fazê-lo não é.

GLÁUCON

Concordo.

SÓCRATES

Bem, terás de realizar uma seleção daqueles que possuem majoritariamente essa capacidade em si próprios e que também revelam persistência em seus estudos, na guerra e nas demais atividades determinadas pela lei. E depois de terem alcançado os trinta anos de idade, os selecionarás num segundo turno entre os selecionados no primeiro, atribuindo-lhes honras ainda maiores. Em seguida terás de testá-los por meio do poder da dialética a fim de descobrir qual deles é capaz de desconsiderar os olhos e demais sentidos e prosseguir com o auxílio da verdade rumo àquilo que é por si próprio. E essa é uma tarefa que requer sumo cuidado.

GLÁUCON

Qual a principal razão disso?

SÓCRATES

Não compreendes que um grande mal provém da dialética do modo que ela é atualmente praticada?

GLÁUCON

Que mal é esse?

SÓCRATES

Os que a praticam estão cheios de ilicitude.30

GLÁUCON

Decerto que estão.

SÓCRATES

Achas surpreendente que isso aconteça a eles e não o julgas perdoável?

GLÁUCON

Por que seria surpreendente e por que deveria eu julgá-lo perdoável?

SÓCRATES

Porque é semelhante ao caso de um filho que é educado tendo a sua volta muita riqueza e muitos bajuladores no seio de uma família grande e numerosa; o resultado é esse menino, uma vez crescido, descobrir que não é o filho de seus pais professos e se ver impossibilitado de descobrir seus pais verdadeiros. Podes supor qual será a atitude de alguém assim frente aos bajuladores, por um lado, e frente aos seus pretensos pais, por outro, antes de conhecer os fatos sobre sua parentela e adoção e qual seria sua atitude quando tivesse descoberto a verdade dos fatos? Ou preferirias ouvir o que presumo a respeito?

GLÁUCON

Preferiria ouvir o que presumes.

SÓCRATES

Bem, suponho que durante o tempo em que desconhecia a verdade honraria seu pai, sua mãe e o resto de sua pretensa família mais do que o faria em relação aos bajuladores, que prestaria maior atenção às suas necessidades, que seria menos provável que os tratasse em violação às leis fosse em palavras ou em atos, e que seria mais provável que os obedecesse do que aos bajuladores em quaisquer assuntos importantes.

GLÁUCON

É provável que fosse assim.

SÓCRATES

Uma vez ciente da verdade, entretanto, sua atitude no sentido de honrar sua família e sua devoção por ela sofreriam uma diminuição, ao mesmo tempo que ocorreria um aumento de sua atenção pelos bajuladores, levando-o a obedecê-los muito mais do que antes, imitá-los na sua forma de vida e estar ostensivamente na companhia deles; e, a menos que fosse naturalmente muito nobre, não teria mais o menor cuidado com seu pai ou qualquer outro membro do resto de sua pretensa família.

GLÁUCON

Tudo que indicaste provavelmente é o que aconteceria, mas onde está a semelhança entre isso e aqueles que são aspirantes ou noviços na dialética?

SÓCRATES

Da seguinte maneira: retemos desde a infância certas convicções em torno de coisas justas e nobres; com elas somos educados como com nossos pais, obedecemos a elas e as honramos.

GLÁUCON

De fato é o que fazemos.

SÓCRATES

Há, todavia, outras formas de viver que se opõem a essa e repletas de prazeres, que lisonjeiam a alma e a atraem para eles, mas que não persuadem indivíduos sensatos, que continuam honrando e obedecendo às convicções [herdadas] de seus pais.

GLÁUCON

Está certo.

SÓCRATES

E então surge alguém que faz a seguinte pergunta: “O que é o nobre?”.

E quando um indivíduo sensato desses responde o que tem ouvido do legislador tradicional, vê-se refutado pelo argumento, e por força de ser refutado frequentemente e em muitos lugares sofre o abalo de suas convicções, sendo levado a crer que o nobre não é mais nobre do que

vergonhoso, o mesmo se aplicando ao justo, ao bom e às coisas que ele tem mais honrado. Qual pensas que será sua atitude diante de tudo isso relativamente a honrar e a obedecer a suas antigas convicções?

GLÁUCON

Será inevitável não as honrar e obedecer da mesma maneira.

SÓCRATES

Consequentemente, quando não honrar e obedecer mais essas convicções e se vir incapaz de descobrir as verdadeiras, será provável que adote qualquer outro modo de vida a não ser o que o lisonjeia?

GLÁUCON

Não, ele não adotará outro.

SÓCRATES

A consequência, presumo, é que ele, de acatador da lei, se transformará num fora da lei.

GLÁUCON

Necessariamente.

SÓCRATES

Então – como perguntei anteriormente – seria de se surpreender ser isso o que acontece aos que assim encaram a dialética e não seriam esses muito perdoáveis?

GLÁUCON

Sim, além do que, mereceriam também nossa compaixão.

SÓCRATES

Por conseguinte, se não queres que teus discípulos de trinta anos sejam objetos dessa compaixão, terás de exercer sumo cuidado quanto a introduzilos ao estudo da dialética.

GLÁUCON

Assim é, com efeito.

SÓCRATES

E não será uma importante precaução não permitir que provem tal estudo enquanto jovens? Não suponho que tenha escapado de tua percepção que, quando jovens experimentam pela primeira vez o manejo dos argumentos, desses abusam, os tratando como uma espécie de esporte da contradição. Imitam aqueles que os refutaram refutando eles próprios a outros, e, como filhotes, extraem prazer em arrastar e despedaçar por meio de seus argumentos os que se encontram a sua volta.

GLÁUCON

Eles o apreciam excessivamente.

SÓCRATES

Na sequência, quando tiverem refutado muitos e forem por esses, por sua vez, refutados, cairão forçosa e rapidamente na descrença do que antes acreditavam. O resultado é que tanto eles quanto a totalidade da Filosofia caem [finalmente] no descrédito dos outros.

GLÁUCON

Isso é muito verdadeiro.

SÓCRATES

Mas um indivíduo mais velho não desejará participar dessa loucura. Imitará alguém que está predisposto a engajar-se numa discussão a fim de procurar a verdade e não alguém que se presta meramente a um jogo de contradições por esporte. Ele próprio agirá com mais sensatez e moderação, trazendo para o estilo filosófico de vida honra e não descrédito.

GLÁUCON

Está certo.

SÓCRATES

E quando dissemos antes que aqueles aos quais seria dada permissão para participar de discussões deveriam ser ordenados e estáveis por natureza, não como na atualidade, quando se permite que mesmo os inaptos delas participem, não foi tudo isso dito a título de precaução?

GLÁUCON

É claro que sim.

SÓCRATES

Por conseguinte, se alguém se devota a discussões contínua, ardorosa e exclusivamente, nelas se exercitando tal como fez na ginástica com o corpo – que é a sua contraparte –, será isso o suficiente?

GLÁUCON

Queres dizer seis ou quatro anos?

SÓCRATES

Não importa. Que sejam cinco. E depois disso terás de fazê-los descer novamente à caverna e compeli-los a assumir a direção de assuntos bélicos e ocupar os outros cargos adequados a jovens, de modo que não sejam inferiores aos outros em experiência. Mas também, no que se refere a isso, terão de ser submetidos a provas a fim de verificar se permanecerão firmes sob diversas solicitações ou se retrocederão e se desviarão.

GLÁUCON

Quanto tempo atribuirias para isso?

SÓCRATES

Quinze anos e, então, na idade de cinquenta anos, aqueles que tivessem sobrevivido às provas e houvessem obtido êxito tanto nos assuntos práticos quanto nas ciências teriam finalmente de ser conduzidos ao objetivo; deles então exigiríamos que erguessem para o alto a visão de suas almas e fixassem seu olhar naquilo que verte luz sobre tudo, e quando tivessem contemplado o bem ele mesmo, a eles caberia forçosamente, cada um a seu turno, utilizando como modelo o bem ele

mesmo, organizar o Estado, seus cidadãos e eles próprios. Cada um deles despenderá a maior parte de seu tempo com a Filosofia, mas, quando chegar sua vez, atuará na política e governará para o bem do Estado, não como se estivesse realizando algo bom, mas sim algo que tem de ser realizado. Então, tendo educado outros como ele para que assumam seu posto como guardiões do Estado, ele partirá para as

Ilhas dos Abençoados e lá habitará. E, se a pítia o consentir, o Estado instaurará publicamente memoriais e sacrifícios para ele na qualidade de um dáimon; se o oráculo não o aprovar, o será na qualidade de um ser humano feliz e divino.

GLÁUCON

Como um escultor, Sócrates, moldaste homens governantes com um acabamento primoroso.

SÓCRATES

E mulheres governantes, também, Gláucon, pois não deves pensar que o que eu disse se aplica mais a homens do que a mulheres que tenham nascido com as naturezas apropriadas.

GLÁUCON

Está certo, se realmente devem elas participar de tudo igualmente com os homens, como dissemos que deveriam.

SÓCRATES

Bem, concordas que as coisas que afirmamos sobre o Estado e sua forma de governo não são, de modo algum, um mero pensamento repleto de desejo [um sonho diurno de alguém acordado], que sua realização é difícil, mas não impossível?

E também concordas que somente são realizáveis da forma que indicamos, a saber, quando um ou mais autênticos filósofos assumem o poder no Estado, os quais desprezam as honras atuais, julgando-as vis e indignas, e que prezam o que é correto e as honras que provêm do que é correto acima de tudo, e consideram a justiça como a coisa mais importante e mais essencial, servindo-a e ampliando-a enquanto

organizam seu Estado?

GLÁUCON

E como farão isso?

SÓCRATES

Enviarão todos na cidade que têm mais de dez anos para o campo. Tomarão posse, então, das crianças, que estarão agora livres das maneiras e hábitos de seus pais, e as educarão em seus próprios costumes e leis, que são os que descrevemos. Esse constitui o modo mais rápido e mais fácil de instalar o Estado e a forma de governo discutidos por nós, tornar felizes as pessoas que nele vivem e proporcionar a essas o máximo de benefícios.

GLÁUCON

De longe o mais rápido e mais fácil. E a meu ver, Sócrates, expuseste bem como ele passaria a existir, se algum dia existisse.

SÓCRATES

Então, é o bastante a respeito desse Estado e do ser humano que a ele se assemelha? Decerto ficou claro qual será nossa concepção dele.

GLÁUCON

Ficou claro, e quanto à tua pergunta, penso que atingimos o fim deste tópico.

# LiteraMundo

No Litera Mundo, tornamos a literatura acessível a todos, oferecendo uma coleção de obras de domínio público. Nosso objetivo é preservar e compartilhar clássicos atemporais, incentivando a leitura gratuita e sem barreiras.

**www.literamundo.com.br**